



## Sarney não abre mão de arbitrar e decidir tudo

**Brasília** — O Presidente em exercício José Sarney reafirmou que vai “arbitrar, decidir e assumir a responsabilidade pelo que resolver” na interinidade, sejam nomeações para o segundo escalão ou quaisquer outras medidas que se mostrem necessárias.

— A Constituição me atribui essa responsabilidade e vou cumpri-la. Não abro mão disso — afirmou Sarney pela manhã no Palácio Jaburu, onde recebeu cerca de 30 repórteres para uma conversa informal durante o café da manhã.

### Café com abóbora

Diante da enorme mesa forrada de toalha branca e coberta de iguarias, Sarney conversou descontraidamente cerca de hora e meia. Cortando com suavidade uma fatia de abóbora cozida — comum nos desjejuns nordestinos — e vez por outra observando a paisagem do lago, visível de todas as partes da residência oficial da Vice-Presidência, o Presidente em exercício confessou sua perplexidade com o cargo “que não pensava assumir”.

— O senhor teve medo? — perguntou um repórter.

— Medo não tive, mas apreensão, sim. Em todos os momentos. Quando você se senta naquela cadeira e vê aquela mesa imensa à sua frente, fica evidente que você é o responsável pelos interesses do país. Qualquer decisão da Presidência é da maior responsabilidade.

Ainda demonstrando espanto com os toques e a movimentação da tropa de 30 homens que guarda sua residência oficial, Sarney — apesar da decisão de cumprir suas atribuições de Chefe de Estado — deixou escapular os limites que lhe foram colocados. Por exemplo, quanto à nomeação de um novo Governador para o Distrito Federal.

— Em conversas anteriores, o Presidente Tancredo Neves manifestou que a escolha era dele, pessoal. Afinal, o Governador escolhido ficará em contato permanente com ele. Talvez eu converse com Tancredo a esse respeito esta semana, quem sabe na sexta-feira.

### Mandioca e mel

Sarney exibiu outro limite de sua inesperada interinidade quando foi posto diante das críticas do empresariado às

resoluções do Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles.

— Ele tem diretrizes estabelecidas pelo Tancredo. Tudo que resolver foi acertado previamente com o Presidente — afirmou. E, deixando de lado um pedaço de mandioca, apenas riu quando um dos presentes comentou que Dornelles já era Ministro escolhido por Tancredo 50 anos antes da eleição.

O Presidente em exercício não usa açúcar nem adoçantes artificiais no café: prefere mel. E também não toma café puro: mistura-o com leite, “porque o café daqui é muito forte”. Foi a deixa para um repórter perguntar se o pacote anti-inflacionário que o Governo soltará esta semana conterà medidas fortes como o congelamento de preços. Sarney optou por uma resposta inespecífica, embora forte:

— É preciso adotar medidas de contenção. O que se vê hoje é que não há respeito no controle de preços e existem práticas monopolistas. É preciso entrar duro nisso e acho que Tancredo o fará”. Eu o faria.

### Melancia de arremate

Arrematando sua refeição com um pedaço de melancia (antes comera apenas abóbora e mandioca), Sarney falou então da saúde do Presidente Tancredo Neves. Revelou que só soube da crise quando Tancredo já se encaminhava para o hospital, na véspera da posse. E responsabilizou o “grampo” — termo com que ficou conhecida a escuta clandestina de telefones, um recurso que se generalizou nos altos escalões do Governo — pelo fato de as autoridades de então ficarem sabendo antes dele ou de qualquer outro correligionário da Aliança Democrática.

— Evidente que foi o grampo — enfatizou Sarney. Diante da indagação de um repórter, se a escuta clandestina já acabara, o Presidente em exercício riu e não foi tão convicto: — Acho que sim.

Sarney contou também os apuros por que passou ao assistir com Tancredo à missa no Santuário de Dom Bosco, pouco antes de o Presidente ser operado de emergência — e sem desconfiar de nada.

— Na hora da elevação (da hóstia), todos se levantaram. Tancredo ficou sen-

tado, e eu também. A Marly (mulher de Sarney), sem entender nada, ficou me cutucando: “Que diabo, não sabe mais assistir missa? Vamos levantar” — insistia ela.

Se a saúde do Presidente já o deixou em apuros, Sarney agora manifesta tranquilidade a respeito do assunto. Confessa que o Ministro-Chefe do Serviço Nacional de Informações, General Ivan de Souza Mendes, acompanha o quadro do Presidente para evitar desencontro nas notícias, que estavam gerando falsas expectativas, especialmente em torno da alta. A família do Presidente Tancredo, segundo Sarney, estava reclamando, mas ele classifica como “normal o acompanhamento do caso pelo SNI, porque a saúde do Presidente da República é um assunto de Estado”. Apesar da seriedade do assunto, Sarney não deixou de indagar, bem-humorado, aos jornalistas:

— Vocês não acham que esta é uma boa missão para o SNI?

### Direto nas greves

Mas se, em relação ao serviço, ele fez blague, preferiu um tom mais direto quando avaliou as greves que começaram a eclodir no país, como a dos motoristas de ônibus, ontem, na terceira semana do Governo. Sarney acha “normal o direito de greve”, mas exige dos trabalhadores e dos políticos “responsabilidade com o momento histórico do país”.

Deixando de lado um pedaço da melancia que degustava devagar para aguardar os convidados retardatários, ele mal cumprimentou Dona Marly que, trazendo roupas esportivas de corrida, percorreu a sala para desejar bom-dia. Eram quase oito e meia da manhã e a guarda perfurada já dava o toque para a saída. Sem pressa, Sarney terminou calmamente seu café, que iniciara falando de economia.

— As negociações com o fundo monetário, auditores dos banqueiros, terão que ser firmes. Elas deverão ficar prontas em três meses, mas não faremos cartas sem realismo. Vamos dizer lá como pagar sem parar o país, e ninguém pode dar o que não tem. Dívida se paga com dinheiro e não com sacrifício. É o Delfim, o que fazia? Empurrava o problema com a barriga.